ADESÃO AO TRATAMENTO PSICOLÓGICO: REFLEXÕES SOBRE AS FALTAS EM CONTEXTO DE CLÍNICA-ESCOLA

Érika Borges Siqueira
Estudante do 9º semestre de psicologia
erikaborgessiqueira@gmail.com

Alex Zopeletto da Silva
Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso. Mestre em Saúde Coletiva pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso. Especialista em Saúde do Adulto e do Idoso, no formato residência multiprofissional em saúde, pelo Hospital Universitário Júlio Müller (HUJM) e Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).
alex.zopeletto@univag.edu.br

Juliana Batista Fitaroni.
Psicóloga, Professora, Psicoterapeuta e Supervisora Clínica. Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Formação em Psicologia Clínica na Abordagem Centrada na Pessoa pelo Centro Catarinense de Psicologia Humanista. Especialista em Psicologia Clínica: Humanista, Fenomenológica e Existencial pela Universidade de Araraquara-SP. Especialista em Psicologia Clínica na Abordagem Centrada na Pessoa pela Universidade Santa Úrsula-RJ.
Juliana.fitaroni@univag.edu.br

Introdução: Este resumo expandido trata-se de um relato de experiência no cumprimento do estágio obrigatório não remunerado em atendimentos clínicos psicológicos, realizado no 9º semestre do curso de Psicologia em uma clínica-escola. A base teórica que fundamentou os atendimentos foi a abordagem da Terapia Cognitivo-Comportamental. A adesão ao tratamento psicológico é um fator fundamental para o sucesso do processo terapêutico. No entanto, ainda é um tema pouco explorado, especialmente no contexto de clínicas-escola, que possuem caráter social e atendem uma população com diferentes demandas e vulnerabilidades. Nesse sentido, torna-se relevante investigar os motivos das faltas, os padrões de ausência e os comportamentos de evitação, compreendendo-os a partir da conceitualização cognitiva dos pacientes. A experiência de ausências consecutivas e a falta de comprometimento com o horário das sessões foram fatores determinantes para a escolha deste tema. **Objetivo:** O objetivo deste resumo é compartilhar os desafios da adesão dos pacientes na psicoterapia semanal. A adesão ao tratamento psicológico é fundamental para a efetividade do

ISBN: 978-85-88900-14-1

processo terapêutico. Ainda que pouco falada, a importância de se estudar emerge como uma necessidade na clínica escola, principalmente por ser um serviço não particular e de valor social, estudar os motivos, o padrão de faltas e a evitação deve ser analisado dentro da conceitualização cognitiva do paciente. No contexto do estágio supervisionado em Psicologia Clínica, a experiência de ausências consecutivas e a falta de comprometimento com o horário da sessão foi o principal fator para a escrita desse tema. **Procedimentos técnico-metodológicos:** O estágio foi desenvolvido por meio de atendimentos clínicos semanais, com duração de aproximadamente uma hora. Durante as sessões, realizou-se escuta clínica qualificada, com estabelecimento de vínculo terapêutico (rapport) e esclarecimento sobre o sigilo profissional. Foram utilizados instrumentos e estratégias como o diário das emoções, escalas de ansiedade e depressão, avaliação de risco de suicídio e a técnica "acalme-se", aplicados conforme a demanda de cada paciente. A partir dessas experiências, compreende-se que as faltas devem ser analisadas considerando fatores sociais, relacionais e subjetivos. No contexto da clínica-escola, observa-se que muitos pacientes enfrentam dificuldades concretas para comparecer às sessões, como condições climáticas adversas ou ausência de rede de apoio para cuidados com filhos. Dessa forma, é fundamental reconhecer que as faltas nem sempre estão associadas ao desinteresse pelo processo terapêutico, mas podem refletir limitações contextuais importantes. **Orientação teórica:** Segundo Lhullier e Nunes (2004, apud Sei; Colavin, 2016), o abandono em psicoterapia refere-se basicamente àquelas situações de interrupção do tratamento sem que haja indicação para tal encaminhamento por parte do terapeuta. Como já citado, a maioria dos afastamentos foram por pessoas que em questões socioassistenciais delicadas, assim como Bueno et al. (2001 apud Benetti; Cunha, 2008) identificaram que, na maioria dos estudos, a distância do local de atendimento, o estado civil solteiro e o baixo nível socioeconômico constituíam os fatores mais frequentes associados ao abandono psicoterápico. Segundo Beck (2007), alguns pacientes parecem não se importar com a relação de proximidade com seu terapeuta; no entanto, um bom vínculo terapêutico é essencial para a efetividade da terapia cognitiva. Nesse sentido, surge o seguinte questionamento: como estabelecer esse vínculo quando não há contato prévio com o cliente? Na perspectiva de Beck (2007), o vínculo não depende de uma história anterior, mas da forma como o terapeuta

ISBN: 978-85-88900-14-1

conduz as primeiras sessões. É fundamental demonstrar compreensão genuína, por meio da escuta ativa, em que o terapeuta evidencia que está entendendo o paciente sem julgamentos, o que contribui para a redução da resistência inicial. Além disso, é importante explicar o modelo da terapia, visto que o paciente tende a confiar mais quando compreende a estrutura das sessões. Também se recomenda uma atuação colaborativa, evitando uma postura de autoridade. A autora da bibliografia enfatiza que o paciente deve ser incluído na construção das sessões. Para Wright et al. (2019) um ponto forte do terapeuta é ser autêntico, isto é, ser capaz de se comunicar honestamente e de forma conectada emocionalmente com o paciente. Na terapia cognitivo comportamental também se fala sobre a contratransferência. Nesse sentido, os autores abordam que o terapeuta deve se atentar a elas e se estão intervindo de alguma forma no processo. Os indicadores comuns de contratransferência incluem sentimentos como raiva, frustração, tédio, alívio com cancelamentos, além de dificuldades recorrentes com determinados pacientes ou atração específica por eles (Wright et al., 2019). Durante a supervisão semanal, quanto se relatava a ausência de pacientes na sessão eram os sentimentos de raiva e aflição que decorriam nos relatos. Foi fundamental perceber que esses sentimentos conflitantes de alívio e raiva também vieram dos demais colegas em diversas situações. **Considerações finais**: Embora, comprometedoras no início as faltas de pacientes ajudaram a contribuir no desenvolvimento da teoria e paciência do processo. Durante os períodos sem prática clínica, buscou-se aprofundamento em leituras sobre os fundamentos da terapia cognitivo-comportamental, especialmente no que se refere às primeiras sessões e à formulação de casos. Além disso, foi de extrema importância colher o *feedback* dos pacientes, pois através dele observou-se o engajamento dos mesmos durante a sessão e o que poderia mudar para que ficassem confortáveis com a estrutura proposta.

Palavras-chave: Psicoterapia; Terapia Cognitivo Comportamental; Faltas em psicoterapia.

ISBN: 978-85-88900-14-1

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

SEI, Maíra Bonafé; COLAVIN, João Rafael Pimentel. Desistência e abandono da psicoterapia em um serviço-escola de Psicologia. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, v. 18, n. 2, p. 37-49, ago. 2016.

BENETTI, Silvia P. C.; CUNHA, Tatiane R. S. Abandono de tratamento psicoterápico: implicações para a prática clínica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 60, n. 2, p. 48–59, 2008. Disponível em: http://www.psicologia.ufrj.br/abp/. Acesso em: 25 mar. 2026.

BECK, Judith S. Desenvolvimento e uso da aliança terapêutica. In: BECK, Judith S. *Terapia cognitiva para desafios clínicos: o que fazer quando o básico não funciona*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

WRIGHT, Jesse H. et al. Capítulo 2: A relação terapêutica: empirismo colaborativo em ação. In: WRIGHT, Jesse H. et al. *Aprendendo a terapia cognitivo-comportamental: um guia ilustrado*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

ISBN: 978-85-88900-14-1